

SAL

9332

48.100



7/8/68 SAL 9332.48.100

Chd

Borba Lima II, 227 "Very rare"
Inocência V, 82 "É pouco vulgar...
vi ha annos um exemplar na

HARVARD COLLEGE
LIBRARY



BOUGHT WITH INCOME
FROM THE BEQUEST OF
HENRY LILLIE PIERCE
OF BOSTON

P O E M A S

OFERECIDOS

A O S

AMANTES DO BRAZIL

POR SEU AUTOR

JOZÉ DA NATIVIDADE SALDANHA

*Natural de Pernambuco, e Estudante do Terceiro
Ano de Leis na Universidade de Coimbra.*

Phebe, fave, novus ingreditur tua Tempia Sacerdos.

TIBULL. L. 2. Eleg. 5.



COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE,

1822.

Acacio Alfredo Ferreira de Saabra

9332. 48. 100

*Não fazem dano as Musas aos Doutores
Antes ajuda de suas letras dão.*

FERRERA.

*Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura,
Quae legis hic; alitor non fit, Avite, liber.*

MARTIAL. L. 2. Epigr. 40.



S O N E T O.

A Peçã toca o Promontorio ouzãdo
Do Luzo Dias o baixel veleiro,
Sombrio, espêso, denso peçoero
Encobre o dia ao Nauta denodado.

Silva na enxarcia Noto dezatado;
No mar baquêa eletrico luzeiro;
Sôa rouco trovão, e sobranceiro
Sobe Netuno em serras levantado.

Eis surge, eis s'ergue espetro pavorozo:
« O' Luzo (trôa asim) é tempo; agera
« Decerás de Netuno ao seio undozo.

Dizia ... (Orrendo abismo a náu devóra :)
« Eis punido, ó Mortaes, o que vaidozo
« Abriu primeiro os pênetaes da Aurora. »

A Bartolomeu Dias.

S O N E T O.

Finalmente, Vieira, illustre amigo,
Morreste ás mãos da tizica funesta.
O que resta de ti? Sómente resta
Um frio corpo em tácito jazigo.

Dons, em que o Ceo foi liberal contigo,
Não te salvarão da secúre infesta;
Vibrou seus golpes A'tropos molesta,
Sofreste sem delito atroz castigo.

O que foste, o que es oje estamos vendo;
E a amizade fiel seus ais te envia
Junto ao sepulcro, em que te vê jazendo.

Descansa em paz na sepultura fria:
Ah! talvez que o Saldanha ao mal cedendo (a)
Breve te faça eterna companhia.

*Ao Tenente Antonio de Padua Vieira Cavalcanti,
Estudante do Terceiro Ano Matematico, e falecido
a 4 de Julho de 1821.*

(a) O Autor estava então enfermo.

S O N E T O

Depois de aver contente, protestado
Nunca mais, arpejar na branda lira,
E á divina Camena, que me inspira
Aver entregue o plectro auribordado :

Depois de ter o Pindo abandonado
Onde abita o Pastor, que o Globo gira,
O sacro entusiasmo não expira,
Nem o Fêbéo calor tem moderado.

Um não sei que me impele com frequencia
Para versos fazer, por mais que forte
Opor-lhe intento umana resistencia.

Que farei? Eu não poso obstar á sorte:
Quer que eu seja Poeta: paciencia;
Sou Poeta, e serei até á morte.

S O N E T O

MArcia ! Marcia ! ai de mim ! está xegado
 O momento cruel , que eu mais temia ;
 Sinistro môxo , que a meu lado pia ,
 A' longo tempo o tinha anunciado.

Já deixei o çurrão , e o meu cajado ;
 Quebrei a doce franta , em que tangia ,
 E o rafeiro fiel , que me seguia ,
 Definhou ; definhou também meu gado.

Todo acabou ; e a negra desventura
 Quer que os laços de amor a auzencia corte ;
 Que eu deixe , ó Marcia , a tua formozura.

Cada que Fado cruel ! que imiga sorte !
 En desespero , eu morro . . . O' Parca dura ,
 Já que Marcia perdi , vem dar-me a morte.

S O N E T O

DEbaixo desta pedra insulta, e dura
Jaz de Pedro a consorte, Inez formosa;
Jazem tambem com ella em paz ditosa
A innocencia, a virtude, a formozura.

Não foi a causa desta morte escura
Orrendo crime, culpa vergenhoza;
Seu delito foi ser de um Rei esposa,
Ser amada, e amar com fé tão pura.

As filhas do Mondego o caso infando
« Longo tempo chorando memorarão »
As madeixas sutis desentrançando.

O Mondego geméo : os Ceos troarão ;
E os Amores dos labios se apartando
As duras setas palidos quebrarão.

A D. Inez de Castro

S O N E T O .

A' Sombra deste cedro venerando
Momentos mil gozaste encantadores ;
Aqui mesmo asentada entre os verdores
Te axou mil vezes Pedro suspirando .

Parece-me , que estou inda esbutando
Teus suspiros , teus ais , e teus clamores ;
Parece-me , que a fonte dos Amores
Inda está de queixoza murmurando .

Aqui viveu Inez ! . . E reclinada
A' borda desta fonte clara , e pura
Foi (que orrivel memoria !) traspasada .

Mórtaes ! gemei de mágoa ; e de ternura ;
Nesta rara beleza não manxada ,
Foi culpa amar , foi crime a formozura .

*Ao mesmo assunto feito de repente na Quinta das
Lagrimas em 1820,*

S O N E T O .

Os teus olhos gentis, encantadores,
 Tua loira madeixa delicada,
 Tua bóca por Venus invejada,
 Onde abitão mil candidos amores :

Os teus braços, prizão dos amadores,
 Os teus globos de neve congelada,
 Serão tornados breve a cinza!... a nada!...
 Aos teus amantes cauzaráõ errores!..

Ceos! e ei-de eu amar uma béeza,
 Que á cinza reduzida brevemente
 A'-de servir de orror á Natureza!..

Ah! mandai-me uma luz resplandecente,
 Que minha alma illumine, e com pureza
 Só ame um Deos, que vive eternamente,

S O N E T O .

EM vão, meu caro amigo, acautelado
Pertendes ocultar no teu semblante
A paixão, que te abraza o peito amante,
A cauza dese amor talvez haldado.

Em teus olhos, e peito incendiado
Flameja esta paixão onidomante,
E onde estará occulto um só instante
O filho de Mavorte, o Deos alado?

A engraçada, gentil
Formosa Ninfa, mais que Venus bela,
É cauza dese amor, paixão divina.

Deixa, amigo; no amor não á cautela;
Ama livre e gentil, que te domina,
É teu gosto morrer, morre por ella.

S O N E T O.

EMpunha, ó Rei supreme, um cetro augusto
De teus claros Avós c'o sangue ardado ;
Cinge o Regio diadema não manjado,
Terror do Ganges, e do Idaspe susto.

O Geo, que te proteje, o Ceo, que é justo
Vestirá de ventura o teu reinado ,
E d'... , e ... o braço armado
Teu Reino escudará de Espana injusto.

Brando recebe o fendo respeitozo,
Que a filha de Agenor, Brazil jocundo,
Que o Luzo Algarvé ofrece prezuroso.

Reina, ó copia fel de João segundo :
Sóbe a um throno, que esteia o Ceo piedoso,
Prospéra ó novo Rei, o novo Mundo.

A' Aclamação do Sr. D. João VI.

S O N E T O S

Filhos da Pátria, jovens Brasileiros,
Que as bandeiras seguis do Marcio Name,
Lembrem-vos Guararapes, e esse cume,
Onde brilhárão Dias, e Negreiros.

Lembrem-vos eses golpes tão certos,
Que ás mais cultas Nações derão ciume;
Seu exemplo segui, segui seu lume,
Filhos da Pátria, jovens Brasileiros.

Eses, que alveião campos, niveos osos
Dando a vida por vós constante, e forte,
Inda se prezão de xamar-se nosos.

Ao fiel Cidadão prospéra a sorte:
Sejão iguaes aos seus os feitos vosos;
Imitai vosos. Páes até na morte.

*A' Mocidade Pernambucana, que se alistou em o
ano de 1817.*

S O N E T O

SE no seio da Patria carinhosa,
 Onde sempre é fagueira a sorte dura,
 Inda lembras, e lembras com ternura,
 Os meigos dias da união ditoza.

Se entre os doces encantos de que goza
 Teu peito divinal, tua alma pura,
 Suspiras por um triste, e sem ventura,
 Que vive em solidão crúel, penoza.

Se lamentas com mágoa a minha sorte,
 Recebe estes meus ais, ... amante,
 Talvez nuncios fieis da minha morte.

E se mais nos não virmos, é eu distante
 Sofrer da Parca dura o férreo corte:
 « Amou-me, disse então; morreu constante.

S O N E T O,

Saudades versos meus, que disterrado
No tempo, em que negreja a noite escura,
Vos cantei, sem alinho, e sem doçura
Ao vibro do instrumento ao Letes dado.

Já que vos é propicio o duro Fado,
E gozáes dos afagos da ventura
Nas azas do pezar, e da amargura
I'de na Patria dar saudozo brado.

Saudai os socios meus, por quem suspira
Esta alma, que de angustias oprimida
A's duras feras compaixão inspira.

Ah! Dizei-lhes com voz enternecida,
Que eu affito cantando ao som da lira,
Qual o Cisne anuncio o fim da vida,

SONETO.

Palido o rosto, e passo vagaroso,
 Atado o cõlo á estridula corrente,
 Caminha o semi-vivo delinquente
 Ao patibulo feio, e vergonhoso.

A cada passo prova o doloroso
 Golpe fatal da foice reluzente;
 E entre as ancias mortaes, que affito sente,
 Prevê o instante amargo, e lutozo.

Xega ao lugar em fim; ninguém socorre;
 Dos olhos se lhe falta a luz serena,
 E nas garras de algoz arqueira, e morre.

Ceas! que cena de orros! que infusta coma!
 Geme a Natura, que enlutada cobre,
 Folga a Justiça, que lhe impoz a pena.

A um Rio de morte

S O N E T O.

Surdo á voz da razão, e da verdade;
A dôr negando o natural tributo;
Antolha o Réo feroz c'o rosto enxuto
O lugar, que intimida a humanidade.

Roma o ensina, Roma o persuade;
Porém não doma o coração corruto,
Que do sangue da vítima poluto
Adora o crime, préza a feridade.

Deixa Roma o perverso delinquente;
Não te canças em vão pois a beleza
Da virtude feliz não ama, e sente.

Deixa; e não te surprenda essa dureza;
Não póde amar a lei do Onipotente,
Quem não amou a lei da Natureza.

Do mesmo assunto, não querendo o Réo confesar-se.

SONETO

C Aos socios, desta alma luz, e vida,
 Já do Porvir no pégo nebulozo
 Vislumbra o dia infausto, e lutozo,
 Em que o Ceo ordenou minha partida.

Os ternos ais, a triste despedida,
 O extremo adeos tão triste, que xorozo
 Na vaga fantazia o Fado iroso
 Pinta com mão tirana, e dezabrida.

Paula! Regos! Amigos! Patria cara!
 Oh! quem antes de dôr, de mágoa pura
 Primeiro que deixar-vos acabára!

Porém se é tanta a minha desventura,
 Juro-vos que a pezar da sorte amára
 Ei-de amar-vos além da sepultura,

*Feito aos Srs. Francisco do Rego Barros, Sebastião
 do Rego Barros, e José Francisco de Paula na retira-
 da do A. para Coimbra.*

S O N E T O:

A Quela , que na flor da Primavera
Ontem perpétua ser nos prométia ,
Oje , quando mais bela parecia ,
Ao golpe succumbio da Parca fera.

Sua alma , já vingando a azul esfera ;
Vae o Nome buscar , que veste o dia ,
E do corpo , que é terra , a terra fria
Apezar dos amantes se apodera.

Que iluzas vives , necia fatimozura ;
Pensando eternizar-te loucamente
Se Nize bela vês na sepultura !

Não se evade ao cutélo um só vivente ;
Corta c'o mesmo gume a Parca dura
O mizero Pastor , o Rei potente.

S O N E T O.

A Mado filho meu, que nesa idade
Empunhas lédo o cetro Lusitano,
Conhece em mim, que o Mundo é vão engano;
Que é nada o cetro, é nada a Magestade.

Da inexorável Parca a feridade
Não distingue Pastor, nem Soberano;
Prostra c'ó mesmo impulso desumano
Amor, Constancia, Gloria, e Potestade.

Reis, e Vasallos, Servos, e Senhores,
Tornão-se em breve tempo á cinza pura,
-Servem de pasto á vermes roedores.

Ama o teu Povo: rege-o com ternura;
Pois são Vasallos, Reis, e Imperadores
Iguaes no berço, iguaes na sepultura.

*Na sentida morte de Sua Magestade a Rainha D.
Maria I.*

S O N E T O.

Noite, noite sombria, cujo manto
Rouba aos olhos mortaes a luz Febêa,
E em cuja escuridão medonha, e fêa
Mágoa inspira do môxo o triste canto.

Tu avêsa ao prazer, socia do pranto,
Que rompe do mortal a fragil têa,
Consóla um infeliz, que amor ancêa,
E á quem mágoa é prazer, pezar encanto.

Vém, compasiva noite, e com ternura
Recolhe os ais de uma alma, que suspira,
Oprimida de angustia, e desventura.

Recebe os ais de um triste, que delira;
De um triste, que embrenhado na espesura
Suspirando saudozo arqueja, espira.

S O N E T O.

É Amor, ó mortaes, inda menino,
Inda o láteo cristal de Venus ama;
Inda Mãe ternamente agora xama;
Porém já é cruel, feroz, malino.

É formozo o seu rosto pequenino,
Sens olhos são iguses á rubra xama,
Sua vista sómente abraza inflama,
Envenena stu beijo piperino.

É travêso, é astnto, é destimido;
É dos Deozes do Orbe o mais pequeno,
É deles q maior, e o mais temido.

Domina o que é Celeste, o que é terreno;
É doçura não sendo conhecido,
Conhecido porém letal veneno,

S O N E T O.

DE gloria xeio, se de pó tingido,
Alardea o guerreiro furioso,
Que lheorna a frente, loiro sanguinoso,
Na campina de Marte conseguido.

Pela xama de Fébo produzido
Préza o metal o Rei ambicioso,
Que recebeu fagheiro, e carinhozo
De Adiméto o Pastor esclarecido.

Eu alardeio só a branda lira,
Que nos campos orriveis de Mavorte
Dando vida aos Eróes, aos necios tira.

É dos ómens diversa a triste sorte;
O guerreiro perrece, o Rei expira;
Só o Vate se esquivava á lei da morte.

S O N E T O ;

Do Goidio Nume o fogo devorante
 Inda não abrazou meu termo peito ;
 Inda em mim não cauzou penozo feito
 Do éneo carcaz a seta penetrante.

Não suspiro , não gemo adito amante ;
 Não vivo ás leis orueis de amor sujeito ;
 E vivo a não amar já tão afeito,
 Que seu poder não temo Onidomante.

Não me póde mover formoza Dama ;
 Seu rosto divinal jámais atea ;
 Jámais acende em mim amante xama.

De uma paz salutar minha alma é xea ;
 Não amou, não dezeja, em fim não ama ;
 Com o douto Venuzo se recrea.

S O N E T O.

Qual de Abrahão o mimozo decedente
O sêco lenho aos ombros carregando,
Que a soberba montanha caminhando
Váe ser candida vitima innocente,

Asim, curvo do lenho ao pézo ingente,
Em rubro sangue o ser evaporando,
Ao suplicio mais barbaro, e nefando
Caminha vagarozo o Onipotente.

Já, das forças viris destituido,
Tóca de quando em quando a terra dura
A mão, que vibra o raio tripartido.

Oh! poder milagrozo da ternura!
Quer padecer um Deos sendo ofendido
Para não padecer a creatura.

S O N E T O.

EM quanto sobre o cume onipatente
Do bífido Parnazo delectozo
Ao som da lira grato, e sonorozo
Teus louvores entôa o Deos luzente:

Em quanto a Diva Muza alticante,
Que te inspira um cantar melodiozo,
Com a rama do loiro preciozo
Te enriquece, te adorna a douda frente:

Eu, em candido Cisne transformado,
Sobranceiro a uma fôrma tranzitonia,
A' morte sobranceiro, ao Tempo, ao Fado;

Vou, mimozo Cantôr das Muzas gloria,
Estampar o teu nome celebrado
Nos brilhantes altares da Memoria.

Ao Sr. Antonio Joaquim de Melo.

S O N E T O

Melo sonoro, Melo evidentemente,
Cuja mente fecunda Apolo inflama,
Cuja fronte encinnea, adorna, enrama
De verde loiro crêa vicejante.

Oje, que este Paiz beligerante
Revive xeio de esplendor, e fama
Com os filhos Eróes, que o Mundo aclama
No Templo da Memoria flamejante:

Toma a lira sem par, que o Mundo espanta,
E aureas cordas ferindo brandamente
Almos inos Dárcos entôa, e canta.

Da mente sólta a fulgida corrente;
Sólta a cadente vez, que a tudo encanta;
Canta o brio, e o valor da Pátria gente.

*Ao mesmo Senhor no dia anniversario da restaura-
ção de Pernambuco.*

S O U N E T O E

Desprende, Aonío, a vez, que amor inspira,
 Desprende a xama, que te abraza a mente,
 Já que o Numen intonso te comente
 Arpear na Venuza, encolsa lisa.

Ou tu cantes de amor, que a paz nos tira,
 Ou do Nume vivaz, arripotente,
 Tua lira feliz, teu som cadente
 Iguala o do Pastor, que o Osbe gira.

Entôa o carmen, que te combe em sorte (a),
 Não denegues á Patria, ao Ces querida,
 Teu canto sabumzeiro no fernes córte.

Feliz Aonío! Sorte apetecida!
 Tu inda ás-de viver depois da morte,
 Eu depois dela não terei mais vida.

Ao mesmo Senhor,

(a) Alude a uma Ode, que ele se avia obrigado a compôr.

S O N E T O E

CEos ! que silencio triste, que respira
Da fêa morte na morada impura !
De Fébo aqui não brilha a formozura,
O dia é noite, a noite horror inspira.

Do fero Aquilles não flameja a ira,
Oculta Mario negra sepultura,
Curiaçio, Anibal é cinza escura,
Não canta Oracio, Ovidio não suspira.

Tudo é silencio, é taciturno tudo,
Platão famoso, esse Orador de Atenas,
Eloquencia não tem, jaz frio, e mudo.

Terrivel morte, á quanto nós condenas !
Debaixo do teu cetro carrancudo
Os gostos são iguaes, iguaes as penas.

S O N E T O

DA sagrada prisão, que nos unia,
Companheiros fieis, rompeu-se o laço:
Quanto o bem do mortal é sempre escaço!
Quanto é fugaz a candida alegria!

Acabou-se a união: a sorte impia
Nos veio separar por longo espaço;
Acabou-se a união: sombrio, e baço
Já nace Fébo, já desponta o dia,

Adeos, adeos, amigos; se entretanto
Roubar-me a vida o meu cruel destino,
A' quem não move sonorozo canto,

Saudai as cinzas do Cantor divino;
Sobre a campa vertei saudozo pranto,
E dizei suspirando: « Adeos Jozino. »

*Ao Sr. Francisco do Rego Barros no fim de um anno
letivo.*

SONETO

A Ceos turbilhões , corrente xama ,
 -Linguagem não vulgar , que o Mundo enléa ,
 Gloria nosa , Miguel , relampagués ,
 Nas tuas Orações , que exalta a Fama.

Quando sóltas a voz , que a tudo inflama ,
 Que arreбата , que enleva , e que recréa ,
 Folga o Ceo , dorme o vento , o mar baqués ,
 Abrandá-se Plutão , que as trevas ama.

Sens tezoiras em ti os Ceos entornão ;
 Do Lacio Tulio , do Piréo jocunde ,
 As graças , e o candor teu peito exornão.

Tens , ó grande Miguel , genio faundo ,
 Entre os Sabios , que a Patria , o Globo adornão ,
 Olinda por Altar , por Templo o Mundo.

Do Sr. Miguel Joaquim de Almeida e Castro, ultimo Orador.

SONETO.

Apenas oje o côco diamantino
 Da Aurora bela o dia anunciava,
 Despido o terreo manto eu adjeva
 Ao sacro Templo do eficaz destino.

Ertilio consultei, Mago divino,
 Que a sorte dos mortaes patenteava,
 Se este dia feliz tambem estava:
 Prêzo dos évos ao poder malicia.

Tres vezes a cabeça então menêo,
 E alegre assim me dis: «Tão fausto dia,
 « Que o Ceo namora, que o mortal recêo,

« Em rica fazo d'oito a Parca fia,
 « E do monstro veraz, que Brôes golpea
 « Refolga sobranceiro á feice impia.»

*Aos anos de um meu Amigo, o Sr. Francisco do
 Rego Barros.*

S O N E T O.

Cantor melifluo , Cisne Mantuano ,
Que nas margens da fria Cabalina
Vibrando o plêtro , alçando a voz divina
Fazes lembrar o encantador Elmano ;

Genio Venuzo , Imagem do Tebano ,
Que ergueu Tebas co'a lira perigrina ,
Que no abismo , em que impéra Proserpina ,
Domarás qual Orfêo o Deos Sumano :

Ah ! não cantes Jozino ; em o teu canto
Não sõe o necio Vate , que suspira
Sumergido em pezar , desfeito em pranto.

Canta o Gama , Ferreira , ao som da lira ?
Os Colegas fieis modula em quanto
Jozino suspirando arqueja , expira.

Ao Sr. Manoel Ferreira Portugal.

SONETO.

Canta o Pastor na Patria, reclinado.

Em quanto o gado paze na espesura;

Suspira á borda já da sepultura,

O mizero da Patria desterrado.

Um no cazal paterno agazalhado:

Os mimos goza da fugaz ventura;

Outro xeio de angustia, e de amargura,

É da fêa desgraça bafejado.

Aquele no regaço da alegria,

Sem temer do cutelo o duro córte,

Não conhece o pezar, nem a agonia.

Este, persegue-o tanto a iniqua sorte,

Que para se alegrar em um só dia,

Que para ser feliz espera a morte.

S O N E T O.

TU, que libas gostozo a fonte pura,
Onde se banha o Nume esclarecido,
Caro Toledo, Cisne apetecido
Nesta saudoza, rustica espesura:

Pragas em vão troveja, em vão marmurá
Contra o teu nome o Tempo enoanecido,
Pois nas azas da Fama ao Ceo erguido
Voa ao Templo feliz, que sempre dura.

O teu estro de loiros adornado,
Sobranceiro do Tempo ao duro córte,
A'-de ser no Porvir abençoado.

Que destino feliz! Que fausta sorte!
Tu serás pelo Tempo respeitado;
Eu não ei-de existir além da morte.

Ao Sr. José Francisco Toledo.

S O N E T O.

A O. sacro Templo de Iminéo guiava
A Marcia bela Jonio carinhozo,
E de niveos jasmins festão mimozo
As frontes d'um, e d'outro engrinaldava.

Curvo Anciãó á porta os esperava,
E os conduziu ao Nume poderozo,
Que sobre um aureo trono luminoso
Aos amantes fieis as leis ditava.

Na pira divinal, que em xama ardia,
Metendo as mãos sem manxa modularão
Faustas preces, que o Numen lhes dizia.

Prostrados ao depois a fé jarárão;
E em sinal da aliança, que os unia,
As faces mutuamente se boijárão.

S O N E T O.

S Andozo bosque, rustica espesura,
Que ouvís os meus lamentos dolorozos,
Negros ciprestes, montes escabrozos,
Não me negueis amiga sepultura.

Em fêa cova, abitação escura,
Onde encontrão prazer os desditozos,
Meus dias findaráõ, dias penozos,
Bafejados da baça desventura.

Neste medonho abrigo sepultado,
Tendo por socios môxos carpidores,
Serei com minha morte afortunado.

Sobre a campa se lêa: « Aqui, Pastores,
« Jozino está, Pastor desventurado;
« Morreu de ingratição, morreu de amores. »

S O N E T O.

A Parca dos mortaes pavor, e susto,
 Não me infunde terror, não me intimidá;
 A gloria prézo mais, que a propria vida,
 Morrer sendo fiel é doce, é justo.

O poder opresor, poder injusto,
 A luzente secúre ao Ceo erguida,
 O mar, a terra toda enfurecida
 Não me acobarda, não, eu não me asusto.

Sobranceira ao temor, ao Fado, á Morte
 Alma grande, que préza a singeleza,
 Vé em paz o revez da iniqua sorte:

E em fogo divinal sómente aceza,
 Quando a Parca lhe dá o extremo córte,
 Diz com prazer *Adeos* á Natureza.

S O N E T O.

DA estrondoza trombeta o som tremendo,
Que intimida, que aterra a humanidade,
Anuncia o Juizo, a Eternidade,
Do Mundo inteiro o ambito correndo:

Vém do Solio estelifero decendo
Nas azas de celeste Potestade,
Xeio de eterna gloria, e magestade,
O Deos, que está dos Ceos a terra vendo,

Do vasto Jozafát no val ingente
De Adão surgindo a próle do jazigo
Se ajunta, se une á voz do Onipotente.

Surge do Averno o perfido inimigo ...
Está o inferno aberto ... o Ceo patente ...
Silencio, dize o mais, que eu mais não digo.

S O N E T O.

EU deci á marmórea sepultura,
 Onde Beliza fôra sepultada,
 Ceos! que vi! cinza fria!.. terra!.. nada!..
 Não vi beleza, graça, formozura.

A fulgurante mão de neve pura,
 Que mil vezes por mim fôra beijada,
 A rosêa face, a bóca delicada,
 Já encantos não tem, não tem figura.

Eu xorava perdido o bem formozo,
 Quando escuto uma voz enternecida,
 Que saía do abrigo pavorozo:

« Vê ao que estou, Jozino, reduzida:
 « Eis aqui o meu rosto graciozo,
 « Eis o fim dos mortaes depois da vida.»

S O N E T O.

EM Setembro naci, no mesmo dia,
Em que nasceu do Eterno a Filha pura ;
Sube aos cinco fazer qualquer leitura,
E aos dez anos a Muzica aprendia.

Aos doze uma rebeca eu já tangia,
E mil versos compunha com doçura ;
Aos quinze do latim tomei tintura,
E aos dezoito estudei Filosofia.

Estudei com prazer Quintiliano ,
Em Dezenho empreguei a mocidade,
Quiz da sã Teologia entrar no arcano.

Eis, ó Rego, eis em que, Posteridade,
Já tem gasto o Saldanha d'ano em ano
Vinte, e dous anos, que oje tem de idade,

Ao Sr. Cadete Sebastião do Rego Barros em 1818.

S O N E T O .

JA' no roxo Oriente da existencia
Entre lirios renace a Primavera ;
Formosa , qual será , qual é , qual era ,
Dos entes aviventa a extinta essencia .

Das arvores a grata efflorescencia
Nos ternos peitos mil encantos géra ,
No tedro venerando reverbéra
Do imenso Deos , a imensa Onipotencia .

Salve , ó quadra gentil ! Eu te saúdo !
Onrão-té a vinda as aves com seu canto ;
Doce murmura o rio outr'ora mudo .

Brilhão os prados de mil flores xeios .
Só eu , quando o prazer abrange a tudo ,
Vivo entre sustos , vivo entre receios .

S O N E T O.

DOs Nomes, dos mortaes, amor, encanto,
Paulo! Virginia! O' par, eu vos saudo!
Amavel Natureza! Eu verto mudo,
Tuas leis adorando, acérbo pranto.

Dias, mimos do Ceo, do Mundo espanto,
Disipárão-se: Amor, tu perdes tudo!
Tu déste a morte á Bruto, á Eitór membrudo,
Junto ás margens, que réga o brando Xanto.

O Ceo, o Amor unio vosa ternura;
Fosteis no Ceo de Amor faróes brilhantes,
Oje sois (ó desgraça!) cinza pura.

Crecei, dai sombra, ó palmas vicejantes!
Almas ternas, saudai na sepultura
Dnas Mães, dois escravos, dois amantes,

*A leitura da Novela = Paulo, e Virginia = me
forçou a compôr este Soneto.*

S O N E T O.

Vém, ó môso tardio, vêm depressa
Trazer-me esa botelha do alto Doiro;
Traze murta xeiroza, traze loiro,
Pois eu quero enramar esta cabeça.

Vém ligeiro, ó mancebo, não te esqueça
A do velho de Teios lira d'oiro.
Báco! Báco! Evoé! Que fausto agoiro!
Já novo estro a brilhar em mim começa.

Salve, ó Numen tirsigeropotenté!
Vá mais esta botelha e que ventura!
Que gosto, ó caro amigo! Estás contente?

Ora sus bebe ao Doiro a ambrozia pura;
Quem ama Litiléo pezar não sente,
Nem recêa da Parca a foice dura.

A uns anos.

S O N E T O.

M O T E.

Nova guerra me faz teu gesto brando.

G L O Z A.

Junto ás áras do Nume , que troveja ,
Que o Mundo fez brilhar c'um leve acéno,
Inda aqui , Abaillard , suspiro , péno ;
Inda Eloíza unir-se a ti dezeja.

Trávão dentro em meu peito ardua peleja
O amor celestial , o amor terreno ;
Ora em pranto banhada amor condeno,
Ora a graça , que amor vencer forceja.

Se com trémula mão ao Ceo ofreço
Xeirozo incenso , cantos entoando ,
Parece extinta a xáma , em que pereço.

Eu me creio feliz . . . ó Ceo ! mas quando
Minha alma te afigura . . . Eu te conheço . . .
Nova guerra me faz teu gesto brando.

*Mote dado, e glozado de repente n'um Oiteiro em
Santa Clara,*

ODE PINDARICA.

*A' André Vidal de Negreiros, natural
de Pernambuco, e seu Restaurador
em 1654.*

Dos nascidos direi na nossa terra,

CANÇÕES. Lus. Cant. 6.

Strofe 1.

EU (mil graças ao Ceo!) se em largos campos
Não aro, não semeio
Com malhados bezerros trigo loiro,
Pedindo ao Vate Argivo a lira d'oiro
Semeio nas campinas da Memoria.
Canções credoras de perpetua gloria:

Antístrofe 1.

As redeas toma do Cantor do Ismênt ,
Muza canora , e bela ,
Ignivomos etontes atropela ,
Guia a tua carroça luminosoza
Ao bipartido cume ;
Os Cantores do Pindo , que emudeção
Ao teu imperio os Astros obedeção.

Epódo 1.

E mais ligeiro
Do que o ribeiro ,
Que acelerado
Discorre o prado ,
Serpenteando ,
Váe tu levando
O teu carro á azul esfêra
Onde Fébo só impéra.

Strofe a.

Fuja o profano vulgo ineto , e rude
Para ouvir os Misterios ,
Que o altiloquo Vate patentêa ,
Quando alegre bebendo a clara véa

Da encantadora , diva Cabalina ,
Troca a vida mortal pela divina)

Antistrophe 2.

Oh monte ! oh monte ao vulgo inacesivel ,
Onde floréa Apolo !
Quem , do etonte domando o bravo cólo ,
No teu cume fuzila brando canto ,
Quem cinge a douta frente
Póde afoito dispôr da umana sorte ,
Dar vida ao sabio ; dar ao necio morte.

Epódo 2.

Se o grande Oméro
De Aquíles féro ,
Que Eitór procura ,
A paixão dura
Não arpejára ,
Ná linfa amára
Dese lago celebrado
Jazeria sepultado.

Strofe 3.

Se tórvos sopezando invíta lança ,

O' Muza , não podemos
No campo sanguinozo de Mavorte
Espalhar de uma vez terror , e morte ,
Podemos , fulminando excelsos ínos ,
Dos umanos mortaes fazer divinos.

Antistrophe 3.

Levemos dos Eróes Pernambucanos
A rutilante gloria
Ao Templo sacrosanto da Memoria:
Não deixemos em mudo esquecimento
Tantos Varões famosos ,
Que da inveja a pesar em toda a idade
Entregarão seu nome á Eternidade.

Epódo 3.

Asim de Roma
A gloria asoma ,
Que do Latino
Em som divino
Relampaguêa
De graça xêa ,
Quando fere a doce hira ,
Por quem Orion suspira.

Strofe 4.

Porém, ó Muza bela, o carro volta
Aos altos Guararâpes,
Neles procura o forte Brasileiro,
Tigre sedento, Lobo carniceiro,
Que dardejando a espada em dura guerra;
Faz tremer ao seu nome o Mar, e a Terra.

Antistrofe 4.

Ante os muros de Troia fumegantes
Pélides furiozo
Pela morte do amigo belicozo
Mais estragos não vibra, nem ruinas;
Nem o Aquilão fremente,
Que, o pégo marulhozo revolvendo,
Váe montanhas de espuma ao Ceo erguendo.

Epódo 4.

Brava procéla
Tudo atropéla;
Ao Belga forte
Fulmina a morte:
E o meu Negreiros
C'os Brasileiros

D

(50)

Augúra xeio de gloria
Em seus brios a vitoria.

Strofe 5.

Por cem bôcas de fogo devorante ,
Volcão impetuezo,
Vomita o bronze atoador , e forte ,
Por entre denso fumo a negra morte ;
E o nitridor ginete atropelado
Respira fogo em sangue misturado.

Antistrofe 5.

O vibrado corisco tripartido
Pela dextra divina ,
Ou subita estalando oculta mina ,
Tão rapida não é , nem tão ligeira
Como o noso Camilo ,
Que leva enfurecido ao marcio jogo
Fogo no coração , nos olhos fogo.

Epódo 5.

Prova , ó tirano ,
Pernambucano
Valor preclaro ;

(51)

Negreiros caro
Consegue o loiro
De Eróes tezoiro,
Conservando a invicta espada
No teu sangue inda banhada.

Strofe 5.

Será preciso ; ó Muza, que sigamos
O Eróe á toda a parte ?
Que ao Rio grande vamos, e á Baía,
Onde calcou Vidal a força impia
Do tirano Olandez, que ao seu aspeito
Sente o sangue gelar no duro peito ?

Antistrofe 6.

Descansemos do claro Paraiba
Na margem abundante,
Onde brinca Favonio susurrante ;
Brilhe tambem na vasta redondeza
Esta illustre Cidade,
Patria feliz do impavido Negreiros,
Terror do Belga, amor dos Brasileiros.

(52)

Epódo 6:

Porém em tanto
Súspende o canto ;
Do teu auriga
A' dextra amiga
Confia o leme ;
O Cisne teme,
Que, do Eróe cantando a gloria,
Talvez lhe manxe a memoria.

ODE PINDARICA.

*A' D. Antonio Filipe Camarão, natural
de Pernambuco, e seu Restaurador
em 1654.*

*Fiel à Patria, ao Principe, aos amigos
Acaba, como vive.*

GARÇÃO.

Strofe 1.

DUlcisono instrumento,
Que de claros Eróes levaste o nome
Ao alto Firmamento,
Quando o Cantor do Ismeno
O plectro audaz vibrava ;
Eléva agora ao Templo da Memoria
Novo Eróe, que brilheu no Ceo da Gloria,

Antístrofe 1.

De sãcro entusiasmo arrebatado
 Além da umana esfera,
 O Argivo Cisne em metro não ouvido
 Celebra o combatente,
 Que o bravo Corredor domou valente;
 Ou nos Pitios combates valerozo
 O triunfo colheo vitoriozo.

Epódó 1.

No Pégazo correndo o vasto campo
 Dos nobres feitos do Brazilio Marte,
 Vou colher sem demora
 Flores em toda a parte,
 E tecer-lhe depois em Dirce bela,
 Ao brilhar do meu canto, uma capela.

Strofe 2.

D'entre farga espesura,
 Ouvindo a voz da Patria, a quem oprime
 A tirania dura,
 São Viriato forte,
 Invito Luzitano,
 E clamando vingança, e liberdade,
 Resôa a voz na etérea imensidade.

Antístrofe 2.

Qual da Sicilia o monte pavorezo,
Que, xámas vomitando,
Entre nuvens de fumo tudo abraza;
Qual Bóreas furibundo,
Que, aberta a porta ao carcere profundo,
Com estampido atroador soando,
Váe as altas montanhas abalando.

Epódo 2.

Tal Viriato, a Patria defendendo,
O Quirino soberbo desbarata;
E, Tigre furiozo,
Fere, atasalha, e mata:
O Imperio Quirinal ao vê-lo geme,
De susto xeio o Capitolio treme.

Strofe 3.

O Camarão potente,
Indio famoso, illustre Brasileiro,
Negro Aquilão fremente,
É dest'arte, que busca
O Batavo em Goiana;
E, um dia inteiro em orrida batalha,
Xovendo mortes, o inimigo espalha.

Antístrofe 3.

Tanto valor não tem, constancia
 O grande Eróe Troiano,
Quando montado no veloz ginete
 Pela Patria peleja;
Troveja mortes, danos mil troveja;
Brilha o ferreo pavez auribordado,
Acoita as ancas o cocár doirado.

Epódo 3.

Patroclo denodado, que atrevido
Ante os muros Troianos aparece,
 Cedendo ao braço duro,
 Sucumbe, desfalece;
E o bravo Eróe, inda a pezar dos anos
Marxa na frente dos Eróes Troianos.

Strofe 4.

O Sipião famoso,
O Belga em Santo Amaro derrotando,
 Cinge o loiro ditozo.
 Seu aspeito anuncia
 A fugida, ou a morte:
De um lado á outro qual peloiro vóa,
Sôa a vitoria quando o bronze sôa.

Antístrofe 4.

Mais velozes não forão na Sicilia
De Pompêo os triunfos,
Que avasalou inúmeras Cidades
Com desumano estrago :
Nem do Eróe, que de gloria enxeo Cartago,
E que, sendo o terror da invicta Roma,
Flaminio, Sipião, Marcelo doma.

Épodo 4.

Não póde estar em ocio descansado
O Eróe, á quem Mavorte inflama o peito :
Na itástre Paraíba
O Olandez é desfeito ;
Cunhaú, onde o Belga é triplicado,
Vê Camarão, e o Belga sujugado.

Strofe 5.

Sobre teu alto cume,
Erguido Guararápe, altivo monte,
Qual fulgarante lume
Por Jove derdejado,
Brilhar tambem o viste ;
Quando todo em furor, desfeito em ira,
Vingança, e liberdade só respiras.

Antístrofe 5.

Quanto é grato suster da Patria cara
A fugitiva gloria!
Deste modo se alcança no Futuro
Cubiçozo renome,
Que o Tempo estragador, jámais consome;
É credora de inveja, é feliz sorte
Pela Patria acabar com doce morte.

Epódo 5.

Agora, Muza minha, em Porto calço
Colheremos a flor mais fresca, e bela,
Que á-de ornar da Guerreiro
A brilhante Capela;
Escape de uma vez o Eróe famoso
Do cégo Tempo ao ferro sanguinozo.

Strofe 6.

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do Brazilio Espozo
A nobre Esposa amada.
No campo dos Troianos
Camila furioza,
Voando sobre a grimpa da seára,
Mais triunfos á morte não prepara.

Antistrophe 6.

Asoberbão o Batavo nefando ,
O quente sangue espuma ;
Qual Belga foge, qual Brazilio fere ;
Quem evita o Mavorte
Na espada feminil encontra a morte ;
Ambos assim cobertos d'alta gloria
Alcanção do Olandez clara vitoria.

Epódo 6.

Brazilio Camarão , Indio Mavorte ,
Recebe com prazer esta Capela ,
Que te consagra o Vate ;
Com ella adorna a frente ;
E da Fama loquaz no excelso Templo
Aos futuros Eróes dá nobre exemplo.

ODE PINDARICA.

*A' Enrique Dias, natural de Pernambuco,
e seu Restaurador em 1654.*

Strofe 1.

NAõ poso , Egregio Enrique , em larga cópia
As lagrimas da Aurora oferecer-te ;
Nem de marmor luzente
Padrões eternos contra o Tempo erguer-te ;
Porém ao som do plectro , que desfiro ,
Com aureo canto eternizar-te poso :
Dom de maior valia ,
Que cem colunas da opulento Efiro.

Antistrofe 1.

Quando no Olimpio circo ,
Não mortal , todo Nume , o Argivo Cisne
Da atropelada boca

(61)

Novos vibrava audaciosos ínos,
Quanto a rival Corina
Raivava de escutar-lhe a voz divina!
Quanto o mesmo ginete, que a victoria
Conseguio ao Senhor, se enxêo de gloria!

Epódo 1.

Nem só de Ilio bateu Netunios muros
O indomavel Aquiles,
Quando em torno correu do Argivo campo,
Largo ribeiro, o sangue de Patroclo:
Nem o velho Nestor, que onrara Pilos,
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

Strofe 2.

Oh! mil vezes ditozo, o que da lira
Tirando sons, milagres de harmonia,
Que o Pataréo inspira,
Rouba os Eróes do Tempo á foice impía!
Ditozo, o que n'um frio esquecimento
Não deixa sepultar a Patria gloria!
Assim Camões divino
Ergueu-te, ó Gama, eterno monumento.

Antístrofe 1.

Asim outr'ora Elpino,
Atropelando os Évos fugitivos,
Da imensa Eternidade
As bifores abriu formozas portas.
Quanta d'ali rutila
Brilhante gloria em Azamor, e Arzila!
Viste de novo Adamastor ferrenho
Sulcar teus mares Luzitano lenho.

Epódo 2.

Qual furor divinal de mim se apósa!
Que sacro entusiasmo
Em grosos turbilhões me asalta á mente!
Onde me elevas impeto divino!
Oh Pasado! Oh Futuro! Eu vejo tudo,
Abrem-se os penetraes aos meus acentos.

Strofe 3.

Enrique! Lá me asoma em densa tréva
Do féro Belga a alta trínxeira invita!
Que clamor, que se eleva!
Que terror nos cercados, que se excita!
O bipene cutelo a Parca afia

No fuzilo dos elmos, das espadas;
Troa o bronze inflamado,
Que em xuveiros a morte despedia.

Antístrofe 3.

Como de balde intentas,
Belga soberbo, te esquivar ao raio!
Como! .. Já se arremêsão
Altas escadas ás trinxeiras altas;
Já tremúla a primeira
Sobre as muralhas Portuguez bandeira;
Já curvas, Olandez, com Fado escaso,
A altiva fronte do Africano ao braço.

Epódo 3.

Freme na Estancia o belico Mavorte
Fulminando ruinas.
Lá Dias aparece . . . ah! quão azinha
Foge ao vê-lo a Batavia atrocidade!
Asim de Eitôr fugia o Grego imbéle,
Que as muralhas de Troia acometia.

Strofe 4.

Que confnzão, ó Muza, que alarido!

O Ceo se encobre de negrume orrendo !
Que estrondo nunca ouvido !
Que sangue pela terra váe correndo !
Que é isto !.. Mas lá sôa ... « O Belga forte ,
« Nas Salinas fugir em vão intenta ;
« Enrique os atropéla ,
« E á seu lado se espraia a negra morte. »

Antistrophe 4.

Tal do Eróe de Cartago
Fugia á vista a Quirinal coorte ;
Quando em Tresbia valenté.
O Consul atrevido derrotára.
Tal foge temerozo
Do açor cruento á garra furibunda
O aerio bando de mimosas pombas.
Tanto do Eitór Brazilio asusta o braço !

Epódo 4.

Como lá foge ao ve-lo nas Tabocas
O Batavo medroso !
Como sem côr , sem vida , espavorido ,
De susto xeio , no Afogado foge !
Como tresúa navegando os mortos
Na fêa Barca o sordido Caronté !

(65)

Strofe 5.

Guararapes ! abaixa o nobre cume ;
O illustre Sipião lá váe sobindo.

Que nunca visto lume
Da fulgurante espada vem saindo !
Relinxa o nitridor atropelado
Sangue, e fogo no freio mastigando ;
Lá sôa !.. lá começa
Dos peloiros o estrondo repetido.

Antistrofe 5.

Qual do cavallo vòa ,
Qual sem cabeça corpo váe rolando ,
Qual decepado braço ,
Inda trêmendo aperta a quente espada ,
Qual sem dono ginete
Piza , e repiza galopando o campo ...
Lá dá costas o Belga lá procura ...
Nas densas matas o mesquinho abrigado

Epódo 5.

Muza ! .. porém já basta , descansemos
Um pouco a lira d'oiro ;
E entretanto conheça o Mundo todo ,
Que entre o remoto Povo Brasileiro
Tambem se crião peitos mais que humanos ,
Que não invejão Gregos , nem Romanos.

E

ODE PINDARICA.

*Ao Mestre de Campo Francisco Rebelo ;
xamado pela pequenez de seu corpo
o Rebelinho, natural de Pernambuco,
e seu Restaurador em 1654.*

Dignum laude Virum Musa vetat mori.

ORAT.

Strofe 1.

BRazileiros ! . . de novo afino a lira,
E o Nume de Patara,
Que os lizongeiros Vates não inspira,
A minha mente inflama.
Teci-me nova crôa,
Filhas do Ceo, Razão, Ingenuidade ;
Pois agora acordando
A' lira Brazileira os sons Argivos,
Vou estampar o nome
De Rebelo immortal na Eternidade.

Antistrophe 1:

Já da Apolinea fama
Acezo turbilhão me dece ao peito !
Como um tópel de ideas magestozas
A mente me confunde !
Eu vejo, eu não me engano, o Delto Nume,
Que aos ouvidos me entôa altivos inos :
O' Pindaro ! esmorece ;
Tu já tens um rival no athor da Patria,
No canto, que aos Eróes dá nome, e vida.

Epódo 1.

Longe de mim o vulgo boquiaberta,
Que não pôde escutar os sons cadentes,
Que o Vate desencerra ;
Longe de mim a turma aborrecida,
Que á Lirica não sóbe, e que derrama
Versos sem alma, e só no nome versos ;
Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,
Não de Filinto, Coridon, e Alfeno ;
Meiga pomba ululante
Não segue os vós da ave do Tonante,

Strofe 2.

Vem , Aonio , á meu lado ouvir meus inos !
Vem aprestar-me a lira ,
Que oje tem de troar com sons divinos ,
Quaes Djiniz , que nos guia ,
Ontr'ora modulára ;
Vem comigo cantar , deixa de parte
A arrufadiça Ulina.
Se devemos á Patria a nosa vida ,
Demos-lhe a nosa fama ,
Demos vida aos Eróes , que á Patria a derão.

Antistrofe 2.

O' vós sombras divinas ,
Manes de Enrique , Manes de Negreiros ,
As campas sacudi , erguei a frente
Para escutar o Cisne ,
Que roubou voso nome ás mãos do Letes.
Exultai ! Novo Eróe váe ombrear-vos
Sobre as azas da Fama.
Teve parte comvosco nos perigos ,
Váe ter comvosco seu quinhão na gloria.

Epódo 2.

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,
Emulando de Marte a valentia,
 Venceu Numancia féra,
Cartágo derrotou, deu leis ao Mundo,
Foi doce á Patria, orrível ao inimigo :
Qual Condé, cujo nome portentozo
Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,
E que, quando voava ao Marcio campo,
 Levava no seu braço
O augúrio não falível da vitoria :

Strofe 3.

Rebelo ásim desfeito em xama, em ira,
 A' toda a parte vóa,
E onde asoma valor, audacia inspira.
 Treme de ouvir-lhe o brado
 O Belga esmorecido.
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inermé
 Provocando o inimigo,
C'a espada trevejou raios de mortes,
 E, Ercules imitando,
Rouba a vida á um Anteu c'os rijos braços.

Antistrophe 3.

Foge o Belga medroso ;
 Foge á vista do Eróe ; porém aonde
 Póde escapar ao raio ? O Eróe o segue ,
 Asoberbando tudo .

Nada lhe embarga os pasos , nada o prende ;
 Xameja , espuma , brame , os campos táta ,
 Desmorona os redutos ;

E de sangue , e de gloria , e pó cuberto ,
 Entre impios osos caros osos piza .

Strofe 3.

Mazurépe ! Já vóa em teu socorro ,
 Dos olhos sintilando fogo ardente ,
 Sedento do inimigo ,
 O Eróe á cuja fama é pouco o Mundo
 Já !.. Que orror ! entre fumo , entre alarido ,
 Xove o bronze mortifera granada ;
 Cruzão lanças , a óste se derrama ...
 Exulta , ó Mazurépe ! O Belga cede ,
 Ante o Brazilio raio
 Tudo é pó , tudo é cinza , tudo é nada .

Epóda 4.

Novo campo de gloria se ofereço
Ao Brasileiro Tigre :
Sigismundo a vingar-se lhe aparece.
O' Belga desgraçado !
Porto-Calvo famoso
Por tres vezes te vio deixar-lhe o campo ,
Quando Rebelo forte ,
A dextra o raio , o terrorismo á frente ,
Impavido asomando ,
Tudo era pouco a saciar-lhe a furia .

Antistrophe 4.

Asim o antigo Persa ,
No esquadrão numerozo confiando ,
Aos da Grecia guerreiros se apresenta ;
Asim Flaminio bravo
A' gloria de Cartágo , ao fero Anibal ;
Tal em Neméa os bravos Sicianos
A' Pericles se oferecem ;
Asim nas margens ferteis do Garona
A aguia soberba foi lançada em terra ;

Epódo 4.

Taparica infeliz em ti devia

Com a morte croar tantas vitorias.

Peloiro penetrante,

Rompendo o peito forte, foi beber-lhe

As fumantes entranhas inda quentes ;

E envolvido em troféus do seu triunfo

Na campina Mavorcia teve a morte.

Porém quando se xega ao Ceo da gloria

A existencia é pezada :

Assim Turena sobre o campo expira.

Strofe 5.

O' Patria minha, e d'ele ! enxuga o pranto ;

Morreu ; mas libéttou-te ;

E de novo revive no meu cânto.

Inda oje a sombra sua

Te cerca a todo o instante,

E c'os olhos em ti, assim te brađa :

« Exulta, ó Pernambuco,

« Dei a vida por ti ; foi doce a morte ;

« Não te falta o meu braço,

« Tu genios inda tens, que me asemelhão. »

Antistrophe 5.

O' Jovens Brasileiros,
 Decendentes de Eróes, Eróes vós mesmos,
 Pois a raça de Eróes não degenera,
 Eis o voso modelo;
 O valor paternal em vós reviva;
 A Patria, que abitaes, comprou seu sangue,
 Que em vosas véas pulsa;
 Imitai-os, porque eles do sepulcro
 Vos xamem com prazer seus caros filhos.

Epódo 5.

Asim em Roma o brio dos Oracios
 Nos recém-nados filhos vegetava;
 Asim o egregio sangue
 Em Termopilas dura derramado
 Antolhava em seus filhos vingadores:
 Tomai deles o brio, a força, a manha;
 Sêde sempre fieis á Patria cara;
 Vós sereis Brasileiros;
 Sereis Pernambucanos verdadeiros.

O D E.

*Ao Ilustrissimo e Reverendisimo Senhor
Francisco Moniz Tavares, Deputado
às Córtes pela minha Provincia, e meu
Amigo.*

Almo Sol, que no plaustro de topazios
Abres, e feixas com teu rosto o dia,
E nos Reinos da maga Natureza
Derramas doce influxo,

O teu curso acabou. Já no Zodiaco
Dos doze Socios as moradas viste;
E hoje vás' outra vez o mesmo sempre
Recomeçar teu giro.

Mais rapido, que o raio sintilante,
Enxeste alfim tua anual tarefa;
Foi-se um ano comtigo, e já não resta
Esperança de vê-lo.

Submergido no pélago da tempo,
Absorvido no váo da Eternidade,
Té da sua existencia a imagem fraca
Resvála da memoria.

Não brilha na estação da meiga Flora
Rubro junquillo, pálida violeta,
Senão para murzar, ai! caro amigo,
Talvez antes da noite.

Eu mesmo, que oje escrevo, em poucos anos,
Nem as Ninfas do placido Mondego,
Nem as faias do Patrio Beberibe,
Escutarão meu canto.

Nosa vida, Monia, semella o ano;
Temos Verão, Estio, Outono, Inverno;
Mas voltão Estações, e os nosos dias
Nos fogem para sempre.

Após o Inverno vem a Primavera,
Vem após esta abrazador Estio,
E vem depois de frutes coroado
O pomífero Outono.

O primeiro momento da existencia
É o paso primeiro para a morte;
Aparece o seu fim, sem nós sabermos
Se avia começado.

A' tudo estêde, o Tempo o seu imperio ;
E asim como acabou Cambises, Xerxes,
Babilonia acabou, e oje Palmira,
É montão de ruinas.

A mente me afigura, que te vejo,
Volney, illustre. Vate! aí sentado,
Palpando os restos da Real Cidade,
E interrogando as sombras.

Constante em suas leis, a Natureza
Nos faz iguaes no berço, e sepultura;
E só grandes ações podem lembrar-nos
Na memoria dos omens.

Asim vivem Washington, e Franklin;
Asim vives, ó Páe da Pensilvania,
Cujo nome não póde sem ternura
Ouvir a humanidade.

Eis, meu caro Moniz, os teus modelos;
Segue seus pasos, como já tens feito:
Tu tens seu coração, tu tens seu genio ...
Terás a mesma sorte.

O D E.

*Ao Senhor Antonio Bento Pereira Anes
Barreiros, Estudante do Terceiro Ano
de Leis.*

*Le doux Printemps revient, et ranime à la fois,
Les oiseaux, les zéphirs, et les fleurs, et ma voix.*

LES JARDINS Ch. 1.^o

I.

REnace, a Primavera,
E os campos, em que outr'ora apparecia
Em luto a Natureza,
De flores se matizão:
Brota o junquillo, a candida agucens,
Surri nas margens bemnequer doirado.

2.

Que suave perfume
Derrama a violêta, a fresca roza !
O sentido jacinto
Parece que se esconde,
E no calis do lirio vergonhozo
Brinca Favonio, que ibernou té gorá.

3.

Lança, ó quadra risonha,
Teus influxos na terra mal enxuta;
Tudo contigo vive:
Tudo sem ti perece.
Ah! quando voltas, quando influes benigna,
Çada campo um jardim, um Ceo o Mundo.

4.

Quanto xove de encantos,
Que a vista prendem, que embriagão a alma !
Os incensos da Arabia,
O Cinamomo, o balsamo,
Não é tão grato ao Arabe insofrido
Quando divaga nos sertões, que abita.

5.

Déce estação primeira, (a)
Déce do seio da argentada nuvem. (b)
Como, déces formosa
Doce manhã do ano! (c)
Quem me dera o pincel do Elvecio Mosco (d)
Para em rozeo painel traçar teu quadro!

6.

Mas que fado inimigo
Esta minha iluzão disipa agora,
Quando o Ceo me oferece
A taça das delicias?
Quem me rouba á minha alma a paz-interna,
A ventura maior, que almeja o Mundo? (e)

7.

Eu penetro o misterio;
Falta á minha alma o gozo da amizade;
Tudo é gosto com ela;
Tudo sem ella é pena.
Nacem os omenç para amar-se todos,
E quem não ama, a Natureza ofende.

8.

Goza , amigo , em sobego
 Os prazeres , que espalha a Primavera ;
 E junto ao Vêz , ou Lima ,
 Que já no leito corre , (f)
 Onde outr'ora geméo d'Aleido a lira , (g)
 Alcido , a gloria dele , a gloria nosa ;

9.

Ouve as magicas vozes
 Da sensivel , queixoza Filomela ,
 Quando Fébe disposta
 Por detraz dos Oiteiros.
 Ei-la no carro d'ebano estrelado.
 Raia de gloria Endimião buscando. (h)

10.

Como a lufá aparece
 De ferventes éstrelas marxetada!
 O melro soubrozo
 C'o rouxiãool contende,
 E apenas esta voz perturba agora
 O silencio , em que dorme a Natureza.

II.

Lá se yáe divizando
Espaçozo Castelo derrocado,
Já de musgo coberto,
Nas remotas idades
Aqui, onde oje vés ameno prado,
Correu de teus Avós o eróico sangue

12.

Além alveja o campo,
E os osos dos que á seculos vivêrão
Erguem montes de neve;
Parece que se escuta
O clamor dos feridos, e o relinxo
Do fogo, beligero ginete.

13.

Oh Tempo! Eu reconheço
Teu sêlo impreso nestes monumentos, (i)
E eu te vejo em silencio, (j)
Sentado entre ruínas,
Demolindo Persepolis, Cartágo,
Tébas, e Menfis, Tiro, e Babilonia.

14.

Aproveita os instantes :
O tempo , a vida foge , e a morte xega ; (l)
A vindá não lhe impede
A fresca mocidade ;
Piza com paso igual , derruba , talha ,
Soberbos torreões , pobres xoupanas ; (m)

15.

Só fugiráõ á morte
Almos prazeres d'antemão gozados : (n)
Desfruta a Primavera ;
E se acazo algum dia
Te lembrar , que aqui vivo , ah ! toma a pena ,
Suprão as letras de um amigo a falta.

16.

Não de outra sorte Ovidio ,
Sotoposto ás estrelas , que Netuno
Jámais em si banhára , (o)
Os amigos saudava.
Arte divina , dadíva celeste ,
Falas aos olhbs , á nosa alma pintas ! (p)

Mas se a minha lembrança
 Excitar em tua alma a dôr, o pranto,
 Esquece-me de todo;
 Eis meus únicos votos:
 Eu antes quero, que de mim te esqueças,
 Que sintas um momento, o que é saudade?



(a) Alguns Escritores dizem, que o Mundo foi creado na Primavera. Esta idéa, por ser mais poetica, a adotarão os Poetas, por cujo motivo se compara a Primavera a primeira idade do homem. *Milton. Paraizo Perd. C. 7. Virg. Georg. 2. v. 336 e segg.*

(b) *Thompson Poema das Estações Cant. 1.*

(c) *Gessner* chama a Primavera manhã formosa do ano.

(d) O mesmo *Gessner* inimitavel pintor da Natureza.

(e) *Orat. L. 2. Od. 13. v. 4 — 5.*

(f) *Id. L. 2. Od. 6. v. 3 — 4.*

(g) *Diogo Bernardes*, excelente Poeta, natural de Ponte de Lima.

(h) Pastor a quem Diana amava, e procurava entre as sombras da noite.

(i) *Mr. Thomas Ode sur le Temps. Strof. 5.*

(j) Certo viajante sendo perguntado por *Marmontel* a respeito do que vira na Grecia dos seus antigos monumentos: — *Eu vi o Tempo, que demolia tudo em silencio.*

(l) *Orat. L. 2. Od. II. v. 1 — 2.*

(m) *Id. L. 1. Od. 4. v. 13 — 14.*

(n) Quantos pomos colheres precavido
Na florente estação, terás de menos,
Que lastimar roubados no avarento
Quartel da extrema vida.

Filinto Elisio.

(o) *Suppositum stellis unquam tangentibus equor.*

Ovidio Trist. L. 1.

(p) Expressão de *la Bruyère*, falando d'arte da escrita.

O D E.

A' morte de Napoleão Buonaparte.

*Ce qu'il eut de mortel s'éclipse à notre vue :
Mais de ses actions le visible flambeau,
Son nom, sa renommée en cent lieux répandue
Triomphent du tombeau.*

J. B. ROUSSEAU. L. 2. Od. 10:

NAções do Mundo, parabens ! é tempo,
Volte de novo ao rosto a côr perdida :
Reis da França, subi já sem receio
Ao mal seguro trono.

Morreu Napoleão , raio da guerra ,
Que calcou dos Bourbons o antigo asento ;
Cujo nome inda mais , que os seus triunfos ,
Asombrou o Universo.

2. inconsequente bonacheira!

Mil vezes o cingiu de eterno loiro
Em marcia lide prospera vitoria ;
Gena, Austerlitz, Marengo, inda fumeção,
Rios de sangue correm.

Tudo foi, tudo fez, não sendo nada :
Viu em monte á seus pés crôas, e cetros,
E a Patria dos Catões, Sipiões, Marcelos,
Sucumbiu ao seu braço.

Já não vive : seu corpo em breve é cinza :
Mas seu nome, voando além dos tempos,
Inda fará tremer, gelar de susto,
As idades vindouras.

Exulta, ó Albião ! Mas, ah ! reccia,
Que o filho deste Eróe, crescendo a idade,
Para vingar seu Páe não te reduza
Em pouco tempo á cinzas.

 O D E.

A' um Rouxinol.

Que suave, que angelica armonia
 De tremulo raminho
 Derramas, Filoméla, inda queixoza
 Da tua desventura !
 Quanto é grato, que toda a Natureza
 Por ouvir-te, emudeça,
 E que a terra de flores se matize !
 Não vês como nos xôpos
 O brando pintasirgo, o doce melro,
 Suspende a voz sonora,
 Para gozar teu canto, que respira
 Ternura, amor, saudade ?
 O mesmo caçador mais desumano
 Não se atreve a ofender-te,
 E se acazo o pertende, a ouvir teus inos,
 Rompe as sétas, e o arco.
 Canta, ó doce avezinha, as almas prende,
 As almas arreбата ;

E se a melga Tircéa por ouvir-te
 Buscar este retiro ,
Redobra o teu trinado , o teu gorgoeio ;
 Mas se ela, estimulada
De te ouvir , desatar a voz celeste ,
 A voz encantadora ,
Silencio ! escuta ; aprende ; é mais suave
 A sua voz , que a tua.



O D E.

Ao Senhor Manoel Odorico Mendes.

JÁ' do gelado Norte,
Caro Odorico, o procelozo Inverno
Deixa as negras cavernas,
Sacudindo das azas gotejantes
Saltão granizo, e gelo.
Tremem de ve-lo os álamos frondozos,
E os écos asustados
C'o fragôr do trovão, em quanto aceza
Eletrica faisca
A'ra o campo do Ceo, que a noite enluta,
Alongão o bramido
De monte á monte nos crestados campos.
Corre turvo o Mondego,
E ao Nauta, que demanda incultas praias,
Que malfadou Colómbo,
Ora se antolha Uranio, ora se antolhão
Os Paços de Amfitrite
No imenso leito das ceruleas ondas.
Oh! mil vezes ditozo

O Sabio , que asentado ao lar , que acende
C'os poucos sécos molhos ,
Que ali juntára de podadas vides ,
As frias mãos aquece !
Vê junto a si os rotos , caros filhos
Em derredor sentados ,
Ou já lhes pinta da virtude as graças ,
Ou lhes afeia o vicio :
Sofre contínua mísera penuria ;
« Mas sã conserva a mente : »
Não teme Radamanto , nem lhe asusta
O vulto do tirano.
Asim eu vejo Coridon sentado
As lagrimas limpando ,
Que em rios banhão a enrugada face ;

O D E.

Ao Senhor Jozé Francisco de Paula.

NÃõ sei quando o meu Fado rigorozo,
Cansado de affligir-me, á-de algum dia
Outorgar-me viver, longe de intrigas,
De ti, meu Paula, ao lado:

Ver unidos dous seres, que a desgraça
Desune, a meu pezar, e o Ceo unira,
Poder cantar teu nome reclinado
A' sombra do ingazeiro:

Gozar o Ceo do Mundo, e venturozo
A's magoas, aos queixumes dar as costas,
E d'alvas baguaris cingindo a frente,
Brincarmos, divertirmos,

Embora entãõ o Inglez Americano
Povõe o mar de asustadoras quilhas,
Quebre as cadêas ao terrivel Corso,
Que gemê em Santa Elena.

A enxuto paso trilhe o Ruso forte
O Wistula, o Danubio: que me importa?
Tranquillos ambos, para nós o Mundo
É um ser metafizico.

Senhores de nós mesmos, e de tudo,
Pois nada dezejamos, mais Senhores,
Os Monarcas, que regem o Universo,
Não serão mais ditozos.

Que facil é sonhar felicidades!
Já me cria á teu lado; já me cria
Com um Ceo entranhado dentro d'alma,
D'alma, que te ama tanto.

Porém mudou-se a cena; e eu só me vejo
Pelas sétas da angustia traspasado,
Umas traz outras, que as mal sãs feridas
Reabrem, reverdecem.

Ditozo Aquiles por cantar-te Oméro!
E mais ditozo ainda porque unido:
Viveste com Patróclo, até que a Parca
O fio-lhe rompese.

Que doçuras gozaste nos deis anos,
Em que, de Agamenon fugindo á vista,
Dormias á seu lado, e á seu lado
Te erguias alto dia!

Quem me dera gozar de igual ventura!
Dera por ela a vida, eu a alma dera,
Dera... porém, que Nume inexoravel
Me malfadon no berço!

Que presta a vida de um amigo suzente,
De um amigo, que é vida, é alma dela?
Ceos! ou dai-me este amigo, ou dai-me a morte,
Se a morte acaba tudo.

O D E.

Ao Senhor Antonio Joaquim de Melo

OUtr'ora , Aonio , quando o Cintio Nume
A seticorde lira me afinava ,
Soltando a voz em não somenos cantos ,
Dei claro nome á Patria.

Do bravo Enrique o não umano esforço ,
A' Patria prestadío , alcei ao Templo ,
Onde brilhão Eróes , que o divo Oméro
Cantou com voz sonora.

Do illustre Camarão , do grão Negreiros,
Roubei o nome ao deslebrado Letes
A virtude cantei , esa virtude ,
Que já não tem altares.

Da branca Buguarí encantos meigos ,
Que Melizo gozou cantei outr'ora ,
A quem Jove mudára em flor mimoza ,
E em beijaflor o amante.

Cantei o dia , em que , rompendo os ferros ,
Que o barbaro Olandez lançára á Patria ,
O Brazilio valor cingiu na frente
O loiro da vitoria.

Porém agora , que o prazer me despe ,
Já não atino com as cordas d'oiro ;
Das mãos me cáe o desleixado pletro ,
E a mente se enoitece.

Qual nas florestas o leão já velho
Do orelhudo animal escoiceado
Que ergue a cabeça ; porém já não póde
Dar-lhe a farpada garra.

O D E.

Aos anos de um Amigo.

Comeces, caro amigo,
Com agoiro feliz teus novos anos;
E o Ceo (se acazo escuta
O meu piedozo rôgo)
De gosto os brilhante.

Escapa a nosa vida;
Ah! Jonio, o tempo fuge: apoz seu carro
Voão nosos prazeres,
E o palido Caronte
Cedo nos mostra a barca.

Desta vida os instantes
Nos braços da amizade os aproveita;
Pois só no seu regaço
Podem da vida os males
Tornar-se um leituário.

Am



O D E.

*Ao R. Senhor Francisco José Tavares
Gama.*

~~~~~  
*Non omnia possumus omnes.*  
~~~~~

Impavido o Quintéla, ó caro amigo,
Do liquido elemento o campo sulque;
Confie o maior bem de um tosco lenho
A' descrição dos ventos.

Do ceruleo, volúvel Oceano
Em fòfos escarcéos o mar branqueje,
Fremão de um lado, e d'outro as negras ondas
Dos Euros açoitadas.

Na apinhoadá enxarcia o rijo Notó
Silve descenfreado, orrivel brama;
O mizero baixel conduza, e leve
A's regiões etérias.

« De orrenda cerração croada a noite ,
Vôe o rouco trovão de Pólo á Pólo ;
Inflamada nos ares relampeje
Elétrica faisca.

Nada asusta , meu Gama , nada afronta ,
A constancia do Gama , e do Colombo ;
E nem d'outros Eróes , que em toda a idade
Ao Tempo se esquivarão.

Mas de um Vate , meu Gama , acostumado
Só do Permeso á placida corrente ,
Do Gnidio Nume ás magicas delicias ,
Afronta , abate , e doma.

A' vista do Conicio Ateniense
Mostra o Grego Orador constancia rara ;
Foge no campo á vista das falanges
Do perfido Filipe.

Todos não são Tirteus , Camões , Bernardes ,
Que , a espada n'uma mão , e n'outra a pena ,
Triunfando no campo de Mavorte ,
Cantavão seu triunfo.

Tanto exaltou a Grecia o divo Oméro ,
O filho de Peleu ao Ceo levando ,
Como o grande Alcibiades afoito
A' testa dos combates.

Por diversas veredas se encaminhão
Ao Templo da Memoria os Genios claros ;
Segue Paulo os vestigios de Mavorte ;
Camões os de Virgilio.

Se em mim não á valor, não á constancia
Para em fraco baixel, tosco madeiro,
Domar do Oceano as rispidas procelas,
As carrancudas vagas :

Poso adornar de loiro a nivea fronte ;
E, ferindo gostozo a branda hira,
Roubar teu nome illustre, ó caro Gama,
A's mãos do esquecimento.

O D E.

Tradução da Ode 3 do Livro 4 de Oracis.

A Quele, a quem, Melpomene, tu vires
Uma só vez c'os olhos tens benignos,
Não se fará illustre nos combates,
Nos jogos de Corinto.

Nem o veloz ginete em leve carro,
Mais ligeiro, que o mesmo pensamento,
Pelas praças da Acaia venturoza
O levarão triunfante.

Nem de loiro cingido ao Capitolio
Subirá vencedor tendo sугeito
O orgulho ameaçador dos Reis soberbos
No campo de Mavorte.

Porém nas margens de sonóra fonte,
A' sombra fresca de álamos copados,
Fará seu nome aos évos sobranceiro
Nos Liricos Poemas.

Senhora do Universo a Augusta Roma
Entre os Liricos Vates me numéra ;
Já de balde morder-me agora intenta
A desditoza inveja.

O' Muzá , que tempéras os acordes
Da branda lira , em que Orion pulsava !
Que podes dar , querendo , aos mudos peixes
A grata voz do Cisne !

Tu fazes , que os Romanos me decantem
Feliz imitador do Argivo Cisne ;
Se inda vivo , se agrada a minha lira ,
Tudo é dadiva tua.

O D E.

Ao Senhor Jozé Francisco Toledo.

TOledo caro , o despido inverno ,
Filho da Noite , pavorozo xega ;
Sacode as azas , calvejar começo
Os altos montes.

Trovão medonho , que as montanhas movê ,
De quando em quando repentino sôa ;
Fendendo os cumes , derrubando as faias ,
Fuzila o raio.

Transcende o rio as dilatadas margens ;
O môxo pia no escondido xôpo ;
D'altas montanhas susurrando decem
Largas torrentes.

Balando affito o temerozo gado ,
Todo se encolhe , se arripia todo ;
Geme saudoza no intrincado bosque
Tímida rôla.

Fiel Toledo, que estação penoza!
Comigo geme a Natureza em luto:
Longe da Patria, dos amigos longe,
Que presta a vida?

Neste sepulcro da existencia triste,
Onde me falta até do Ceo o abrigo,
Sómente espero ter prazer um dia
Na sepultura.

O D E.

Ao Senhor Manoel Carlos Velozo.

Nem sempre dura o carrancudo Inverno,
 Nem os Alpinos montes
Se vêm cobertos de crestante géllo.
 Nem sempre a Estação bela
Disparge flores, avigora os entes,
 E o pomífero Outono
Mimozos frutos nos arbustos cria.
 Nem sempre, das Eolias
Cavernas soltos, Aquilões, e Notos
 Aos tristes navegantes
Sustos motivão, tempestades cauzão:
 Só tu, caro Velozo,
'A's-de sempre xorar a infausta morte
 De teu Páe estimavel,
Teu amigo fiel, que dezatado
 Da materia corruta
'Além dos Astros gloriozo vive?
 Basta de pranto, amigo;

Par morrer sómente é que se vivê ;
Que se goza da vida ;
Sem morrer se não vive eternamente.
Tudo o que existe morré ;
Avemos todos nós na imunda Barca ,
Na Barca de Caronte ,
Sulcar o lago placido , e limozo :
Todos nós igualmente
Avemos suportar o golpe duro
Do ensanguentado alfange:
O-Monarca no trono sublimado ,
O Pastor na xoupana ,
Ao mesmo tempo o negro braço corta.
Basta de pranto , amigo ;
Alegra-te , Velozo , e com a lira ,
Que te cedeu Apolo ,
Eterniza os Eróes , que sepultados
No esquecimento jazem.

ODÈS ANACREONTICAS.

O D E I.^a

O GALO DE CAMPINA.

*Sigo teus vóos,
Genio divino,
Cantor da Gloria,
Sonoro Elpino.*

Campino Galo,
De garbo xeio,
No prado vòa
De amar contente;
Orna-lhe a frente
Vermelha cròa.

Ave tão bela
Não viu ninguem!

(107)

Colar purpúreo
Lhe adorna o peito;
Quando ele entôa
Doces amores ,
Por entre as flores
A voz rezôa.

Ave tão bela
Não viu ninguém.

O D E 2.^a

O X E X É O.

XExéo engraçado,
Gentil mangador,
Das aves Brazilias
O encanto, e a flor.
Quem póde igualar-te
Mimozo Cantor!

Orféu sonoroza
Asim não cantava,
Quando a Esposa bela
Do Erébro xamava,
E as mágoas em cantos
De amor transformava.

Das aves imitas
O vario gorgeio,
No canto suave
De armonia xeio;
Dos omens, dos Numez
Es doce recreio.

(109)

**Adorna teu corpo.
Negraloira còr,
Teu canto respira
Ternura, e amor.
Quem póde igualar-te
Mimozo Cantor!**

O D E 3.^a

O PONXE DE CAJUÁ

DO loiro cajú,
Analia, bebamos
O ponxe gostozo,
Que aviva o prazer;
Mais grato, que a ambrozia,
Que Jove no Olimpo
Se apraz de beber.

Oh! como é formozo
O pomo suave
Ao xeiro, ao padar!
Se pomos tão belos
Atlanta gozára,
Os d'oiro deixando,
Nem quizera ve-los.

Triunfe Alexandre
No róxo Oriente,
Que Baco domou:
Deixa-lo vencer;
Analia, eu só quero,
O ponxe agridoce,
Comtigo beber.

O D E 4.^o

Nada tenho, nada quero;
Vivo alegre, e satisfeito;
A ambição, Marilia bela,
Jámais entrou no meu peito
Um Poeta não dezeja
Ir buscar em cavô lenho,
Afanozo, e deligente,
As pérolas do Oriente.

Tenho a lira encantadora
Do sonoro Anacreonte,
Com ela teu nome canto
Quer no prado, quer no monte,
Em teu seio reclinado
Paso a noite, paso o dia.
Quem tanto póde alcançar,
Que mais tem, que dezejar?

CANTATA 1.^a*Ao Natal.*

A Estrela do Oriente,
 Dos Astros flamejantes o luzeiro,
 Rompe da noite o denegrido manto.
 Dós álamos copados
 Alticadentes aves,
 Xeias de gosto , de alegria xeias ,
 Sonoros cantos de prazer então.
 Rompem os ares as cadentes vozes ,
 E ao claro Firmamento
 Qual fumo sobem de xeirozo incenso.
 As Pastoras gentís , gentís Serranas,
 Com mimosos festões de brancas flores,
 E vermelhas tecidos ,
 Os arbustos enlação , que florecem ;
 E c'as belas Nereides ,
 Que adornadas de conxas diferentes
 Na côr , e na beleza ,
 Do argento salso a abitação deixarão ,

H

O dia festejando, alegres cantão.
 Das ovelhas .ôs candidos rebanhos
 Alegres brincão pelo prado ameno
 C'os lobos seqúiozos.
 Tudo anuncia já, que tem xegado
 O apetecido Infante,
 Que vem quebrar os ferros, que nos prendem
 A' escravidão da culpa;
 Ter já nacido o Principe da Gloria
 Das Nações dezejado,
 O Rei do Reis, Libertador do Mundo.
 Glorias, á Deos no Ceo, o Ceo tribute;
 A paz seja na terra aos omens dada.
 Xegou a luz, que as trevas alumia,
 Que o Ceo aformozêu;
 O Infante prometido aos Patriarcas
 Desde os primeiros tempos.
 O Cordeiro de Deos, Verbo Divino,
 De uma Virgem naceu, comnosco abíta;
 Nós sua gloria vimos semelhante
 Do Eterno Padrê á gloria.
 Brillhantes Legiões de alados Genios,
 Em quanto além dos Astros
 Uns decantão o Páe, na terra o Filho
 Outras alegres cantão;
 E ao som melodiozo
 Dos tímpanos, e córos

- Deste modo aos Pastores annunciã
Do seu Rei a xegada.
- « Vinde, ó Pastores, a Belém ditoza
« Ver em toscó presépe
- « O DEOS, á cujo aceno o Mundo treme,
« Para os omens nacido,
« Oje principio leve
- « A mágoa de Satán, a gloria vosã,
« A mágoa de Satán, que sobre o trôno,
« A' que servem de baze os vicios torpes,
« Cingida a fronte da feroz soberba,
« Irado, enfurecido,
- « Freme, ancêã, delira, espûma, e brame,
« E viboras de fogo
- « Lança da bôca de veneno farta,
« O trôno balancêã,
« E o Averno preságo
- « Da inevitavel, proxima ruina,
« Treme todo asustado:
- « Brame do Averno a reprobã catervã,
« E os medonhos bramidos
- « Pelas cavernas orridas retumbão.
- « Vinde, ó Pastores, ínos modulando
« Ao dezejãdo Infante,
« Prólé do DEOS Eterno.
- « Xegou em fim o dia abençoado,
« Por quem tanto os antigos suspiravão:

« Cantemos ao Senhor um novo Cântico,
« E além dos Astros nosos cantos voem.
« Sejas festivo dia em todo o tempo,
« Dos felices mortaes bemdito sempre.
« Oh felices umanos!
« Oh bondade sem par de um DEOS imenso ! »
E tu, Jeruzalem ditoza, e bela,
 Que gemes oprimida
Com as correntes vis, que te subjugão,
 Que o cólo te comprimem,
Acorda, acorda do pezado sono,
 Em que estás sepultada ;
É tempo de romper esas cadêas
 De injuria, e de desdoiro.
Levanta-te do pó, que te enegrece ;
Toma os teus ornamentos de alegria,
 E do teu peito affito
Em jubilo se mude a mágoa, a pena.
É xegadó o teu Rei, o DEOS Eterno,
 Que vem a libertar-te.
Vem de candidas vestes adornada
A engraçada Belém, onde nacido
 Respira o doce Infante.
 Arabicos incensos
Queima em torno ao presépe, e o denso fumo
Do Eterno Páe ao Solio flamejante,
 Rompendo os ares, xegue.

O teu Libertador aplaude, e canta,
Ao canto angelical teu canto unindo;
E de jasmins, e rozas,
O ditozo prezepe enfeita, esmalta,
Em quanto ao som da lira
Este ino alegre canto.

O DEOS do Universo
Potente Senhor
Naceu oje umano
Pelo noso amor.

Tomando de servo
Umilde figura,
Vem da creatura
Ser Libertador.

CANTATA 2.^a

A' Resurreição.

Surrexit.

MARC. C. 16. v. 6.

Que alegria, que gloria te reveste
Jeruzalem formosa! Que brilhante,
Rompendo as densas nuvens congregadas,
Em rózea nuvem, que seu carro doira,
A Aurora, percorrendo ao sol nitente,
Se mostra alegre e bela!
A meiga Natureza,
Té gora em luto envolta,
Rizonha me aparece.
Porém, oh Ceos! que vejo! que mancebo
Em nuvem matutina
Se apresenta á meus olhos! A madeixa
É como a lâ nevada : (a) xamejantes

(a) *Apocalipse. C. 1. v. 14*

São os olhos formozos : (a)

**O seu rosto de gloria radiante,
Fulge, qual no apogeu resplandecente**

O intonso Delio brilha. (b)

Igualão ao metal seus pés luzidos : (c)

Um luminoso véo seu corpo encobre :

« De alados Genios candida falange »

Incensos lhe oferece.

Es tu, JESUS, tu es o triunfante,

Que, levando cativo o cativoiro,

Venceste a negra morte,

A morte, que amedronta

Os míseros humanos, que atrevida

O culto levantára.

Triunfaste, JESUS, dese tirano,

Que em medonhas, estridulas correntes

Prendia os filhos de Eva enganadora.

Salve, dia de paz, dia de gosto,

Pelos antigos Vates prometido!

Dia, em que as antigas profecias

Tiverão cumprimento; alegre dia

Dos velhos Patriarcas suspirado.

(a) *Apocalipse. C. 1. v. 14.*

(b) *Id. ibid. v. 16.*

(c) *Id. ibid. v. 15.*

Curvemô-nos, Mortaes, ouçamos todos
Os versos, que modulão
Os Anjos, que do Ceo em turma decem.

Alegre-se a terra,
Suspenda o seu pranto,
Jezus, noso encanto,
Ficou vencedor.

Venceu com a força
Do braço potente
A Parca insolente,
Que infunde pavor.

Alcançou vitoria
Do cruel tirano,
Que xora seu dano
No cáos de orror.

Levando cativo
O vil cativeiro,
Foi do Mundo inteiro
O Libertador.

Alegre-se a terra,
Suspenda o seu pranto,
Jezus, noso encanto,
Ficou vencedor;

DITIRAMBO I.

*Ao Senhor Francisco Carneiro Maxado
Rios.*

*Nunc est bibendum, nunc pede libero
Pulsanda telus*

HORAT.

É Tempo de beber, caro Fileno,
O doce nétar,
Que nos lagares
Aferrolhado,
Era guardado
Para este dia.

Vem, meu Fileno, bebamos rapidos
O doce netar, o mosto rubido,
Que os velhos frigidos
Avigóra,
Restaura,
Córa

As engilhadas, amarelas faces.

Peían ! .. Evoé ! ..
Teu doce mosto ,
Licôr sagrado
Venha doirar-nos
Tão fausto dia.
Báco ! Báco ! Evoé !
Bebamos , Fileno ;
As taças formozas
De verdes pampanos ,
Da rama Báquica ,
Adornadas ,
Xeias de ambrozia
Na meza estão .

Evoe !

Empina , meu Fileno , as taças d'ouro
Neste dia á teus anos consagrado ,

Que as Parcas fíem
Sonóros anos .
Os Rizos , Agrados ,
Mimozos Amores ,
Crosdòs de flores
Em torno das taças
Estão adejando ,
E o nétar libando ,
Que eu libo também .

Evoé !

Bebamos , Fileno ,

O licôr saudavel ,
Que os coraçõs
Alegra ;

Que sufoca a tristeza , que os oprime ;

O rubí gostozo ,
Que graças inspira.
Bebamos , Fileno ;
« O noso Universo ,
« Não pasa d'aqui. »

**Mas , Fileno , que sinto !
Falta-me a terra ! . .**

O tétó dança ! . . danção as paredes ! . .

Minha cabeça rodêa ! . .

Cambaleio ! . . Lieu , Lieu , acode

Ao candido Vate ,
Que aflito baquêa
Na rubída véa
Do grato licôr.

DITIRAMBO II.

BA'co! é tempo: xegou a Primavera;
Remoça a Natureza;
Mas a sua beleza
O que será sem ti?

Eia, ó mancebo, traze-me rapido,
Lesto, presto, e represto,
Esa clara botelha,

Em que outr'ora bebeu Anacreonte.
Como a vista deleita!
Como embriaga o xeiro!

Einda á quem diga, que o suave mosto
Faz mal á gente?

Báco! Báco! E que fazes?
Levanta o tirso, enxota eses malvados,
Que o teu licôr desdenhão.
Não se lembrão do incauto,
Que em ave transformaste.
Mancebo, não te esqueças,
Traz-me croas de rozas,
Não desas... não sei d'onde; mas daquelas,
Que cingião o velho,

O velho . . . bem me entendes.

Eia, ó Bácio, lá váe: viva o mancebo

A quem a velhice cruel, rabujenta,

Jámais atacou.

Mas que som me soou

A' dextra orelha? . . . Ele parece guerra;

Parece . . . lá se avenhão.

Bácio é meu Nume, Bácio me defende.

Vá mais esta botelha

Ora á saude disto.

Nosa vida é tão curta, que me importa

Com o que váe no Mundo?

Eu não sou Rei, nem Duque, nem Morgado,

Nem Geral dos Bernardos.

Vem, meu Bácio, embriaga-me este peito.

Belo! Estou ja contente.

Venha agora quem fôr, nem Carlos Magno,

Com esa Caterva de Pares famosos,

Nem Ferragús, nem Ferrabrás, nem D. Quixote,

Nem o Diabo mesmo

Póde agora comigo.

Bácio, quanto te devo!

Bácio! **Bácio!** **Evoé!**

Lieu! **Lieu!** **Litileu!**

Evan! **Evan!** **Basaren!**

Peian! **Peian!** **Saboé!**

Que doce, que grato

Não é á um Poeta,
Ter a Baco por socio, e por amigo !
Diga-o por mim Elpino.
Eu não quero mais nada ;
Seja Rei quem quizer : eu tenho cróas
De rozas, e de parras : tenho cetro
De frondifero tirso.
Tudo o mais não me imperta, eu sou quem sou ;
Sou eu mesmo.
Graças á ti, ó Baco !
Mancebo, ainda é preciso, que eu te diga ?
Tu não vês as botelhas esgotadas ?
Trazo do generoso,
Saltante, espumozo,
Quero fartar esta alma Bâquicúpida ;
Quero morrer bebendo ;
Antes assim morrer, que de uma bala,
Como morreu Turana ;
Foi Eróe, foi guerreiro muito embora,
Que pela alma lhe preste.
Quanto a mim mais feliz, mais venerando
Foste, illustre Valverde, ó Genio raro,
Que acabaste entre copos, e botelhas ;
Que viveste contente, e apóz a morte
Das pétas o Cantor cantou-te a vida. (a)

(a) José Daniel R. C., assim chamado por Bocáge.

IDILIO.

Vem, minha lira, vem carpir os males
De um triste, que suspira disterrado ;
Vem, sonoro instrumento, já que a sorte
Inda me deixa a tua companhia
No abismo da desgraça, em que baqueio :
Tu cantavas tambem quando eu cantava,
Agora gemerás, que eu triste gemo ;
É tempo de gemer, geme comigo.

Agora, que, o seu manto desdobrando,
A negra Noite a escuridão derrama,
E os Pastores alegres nas cabanas
Sobre a rama virênte se reclinão :
Agora, que o silencio cuidadoso
Paséa a pé descalso os fundos vales
Com o dedo na bôca ; é tempo, oh lira !
É tempo de gemer, geme comigo.

Os noitibos nos bosques escondidos
 De quando em quando solitarios pião ;
 A noturna coruja , que adejando
 Inda mais com seu canto me entristece ;
 A agoreira peitica solitaria ,
 Que do velho engazeiro affita geme ;
 Tudo a gemer , oh lira ! me convida :
 É tempo de gemer , geme comigo .

Eses dias , oh dias ventarozos !
 Em que á sombra do basto cajueiro
 Sonoros ínos , canticos suaves
 Módulemos , oh lira ! (quem disera !)
 Já fugirão de nós , já se pasarão
 « Mais deprésa , que o lume fuzilado ; »
 O tempo de gemer só resta agora :
 É tempo de gemer , geme comigo .

Que importa , que no carro diamantino
 Tão formozo amanheça o claro dia ?
 Que importa vér as nuvens engraçadas ;
 Com quem reparte Fébo o seu luzeiro ?
 Que importa ouvir o canto sonoro
 Do meigo Rouxinol , do bom Canario ?
 Nada , oh lira ! já póde consolar-nos :
 É tempo de gemer , geme comigo .

Este bosque saudozo, em que vivemos,
Regarei com meu pranto na esperança
De que breve ei-de estar na sepultura.
Mas, oh lira! já brilha o claro Fébo;
Suspendamos um pouco este lamento,
Até que volte a pavorosa noite.
Eu emudeço, oh lira! eu não suspiro...
Emudece também, geme comigo.

IDI L I O .

J O Z I N O , E C L Ó E .

Jozino.

CLÓE! Para que colhes com tanto cuidado estas flores ainda orvalhadas do fresco rocio da madrugada? Que urgente cuidado te obrigou a deixar tão cedo a cabana, que, quando o galo velador despertava o seu rebanho, já tu avias saído? Mas, Clóe! tu xoras?..

Clóe.

Jozino! meu caro irmão! Tu ignoras por ventura, que oje fazem dois anos, que o Ceo nos roubou nosa Mãe? Ah! e que Mãe, meu caro irmão! Eu vim colher estas flores para cobrir a sua sepultura.

Jozino.

Ah! minha amada Clóe! E quando virá um dia, em que eu me não recorde desa Mãe, que tanto

me amava , e que só se alegrava quando tam-
 bem nos via alegres? Não te lembras , Clóe ,
 daquele dia , em que eu vim triste para a Ca-
 bana , por ter perdido o premio na contenda
 do canto com Titiro ! Quanto se affligiu ella !
 Quantos meios buscou para me alegrar ! E averá
 no Mundo uma conza tão doce como uma Mãe ,
 ó minha Clóe ! Não é por certo tão agradavel a
 fresca sombra ao caminhante fatigado , nem a
 pura fonte ao segador sequiozo na maior cal-
 ma do Estio . Eu tambem sai mais cedo por
 vir derramar sobre a sua sepultura um tarro
 de branco leite .

Clóe.

*Eia , Jozino , vamos . (Caminhão ambos mudos ,
 e regando ao sepulcro , se prostrão banhados
 em lagrimas , e pasado algum tempo diz :)*

Jozino.

Eu vos saúdo , ó caras cinzas da melhor das Mães !
 Eu vos saúdo , preciozos restos de uma creatura ,
 á quem , depois da Suprema Divindade , eu mais
 amei sobre a terra ! Ah ! se ainda assim podeis
 ouvir-me , ó minha Mãe ! aceitai estas lagri-
 mas , que derrama sobre a vosa sepultura um
 filho saudoso , e reconhecido :

Cloé.

O minha Mãe! O minha melhor amiga! recebei
as lagrimas, e ternos suspiros da vosa Cloé!
Ah! se ainda me amais, não as desprezareis
por certo.

Jozino.

Verdés álamos, tristes, e sombrios ciprestes, que
rodeais este lugar sagrado, ah! quanto sois fe-
lices, pois que dais sombra ás cinzas do Justo!
O Inverno não posa despojar-vos da verde ra-
magem, que vos adorna; o raio não se atreva
a ferir-vos.

Cloé.

Cedros! ditozos Cedros! O fresco orvalho da
Aurora penetre as vosas raizes, para que façais
este lugar ainda mais sombrio, e respeitá-
vel. Não temais os golpes do ferro. O Ceo vos
defenderá, porque cobris a sepultura da me-
lhor das Mães.

Jozino.

Quanto é bom ser Justo! Quanto é feliz a sua
vida, e quanto é ditozia a sua morte! A sua
vida é uma contínua Primavera; e a sua morte
uma bela manhã do Estio sem nuvens. Nenhum
desgostos perturbão a sua vida, assim como ne-

nhuns sustos horrorizão a sua morte. Este é o teu retrato, ó minha Mãe!

Clóe.

Como corrião pacificamente os teus dias, em quanto o Ceo nos quiz dar a consolação de possuir-te, ó minha Mãe! O Ceo abençoava o teu pequeno rebanho, e jámais te faltou o campo com uma colheita sufficiente para nós, e ainda, o que era o teu maior prazer, para socorrer os indigentes. Que lagrimas de alegria não derramavas depois de ter espalhado beneficios no seio da indigencia!

Jozino.

Como tenho ainda presente o dia, em que, para socorrer á Filis, tu deste os mesmos frutos, que estavam reservados para o teu alimento! Quantas lagrimas derramaste, ouvindo os suspiros daquella pobre Mãe, que gemia oprimida de dôr, por não ter que dar aos inocentes filhinhos, que lhe pedião tambem com lagrimas o sustento! Quanto é doce o fazer bem! Posão teus filhos imitar-te, ó minha Mãe!

Clóe.

Quão triste foi para nosa Aldéa o dia, em que tu morreste, ó minha Mãe! Como um grande nu-

meu de infelizes gemia em torno ao teu leito, e o banhava com lagrimas de verdadeiro reconhecimento, e saudade! Como abençoavão o teu nome, e ainda oje abençoão a tua memoria! O teu sepulcro é respeitado, e os velhos o mostram aos mancebos dizendo com lagrimas: Eis o lugar onde repouzão as cinzas de um Justo: abençoai a sua memoria, ó meus filhos!

Jezino.

Recebe, ó minha Mãe! recebe este puro leite mais alvo, que a neve, que eu vazo sobre a tua sepultura; e se lá na morada do Eterno, ainda te movem as afeições terrenas, recebe as minhas lagrimas, e digna-te de abençoar-me.

Clóe.

Estas brancas flores, ó minha Mãe! colhidas ao nacer da Aurora, aceita em penhor da minha ternura, e lá desamorada dos Justos, lança os olhos sobre a tua Clóe.

Asim falarão os dois inocentes Pastores, e, derramando com lagrimas o leite, e as flores sobre o umilde sepulcro, se retirarão ainda zorando. Posão todos os filhos asemelhar-te, ó par bem-aventurado!

A leitura do inimitavel Gessner me excitou a compôr este Idillo no seu estilo.

EPIGRAMAS.

1.

Tua Mãe veio á Roma? (Augusto dise
A' um mancebo com quem se parecia :)
Não, minha Mãe não veio ; (o Joven torna ;)
Porém meu Páe viria.

2.

Tradução de Marcial,

Os versos , que tu recitas ,
São , ó Fidentino , meus ;
Mas , como os recitas mal ,
Principião a ser teus.

3.

Elmiro sè é fraco n'uma ,
É valente n'outra parte :
No Campo de Marte é Venus ;
No Campo de Venus Marte.

4.

Tu dizes , que o meu Poema
Não podia ser peor ;
Ele é máu ; eu digo o mesmo ;
Porém não fazes melhor.

EPILOGO.

A' Patria, e aos meus Amigos.

PAtria minha, e de Eróes ! Eis meus Poemas
 Vão buscar em teu seio acólho, abrigo;
 No seio em que os cantei, bem que de balde
 Roubar-mos pretendêra infame Déspota. (a)
 Aceita-os, Patria ! E neles vê pintado
 O amor de um filho, que de o ser tem gloria :
 Recebe cultos : para mim es Nume.
 Qual fui outr'ora, sou ainda o mesmo.
 E vós amigos, que lereis meus versos,
 Aceitai-os tambem : á vós, á Patria,
 Meus disvelos, meus dias ei votados.
 Vêde : nos versos meus Eróes já vivem,
 Eróes, que o Tempo submergiu no Letes.
 Recebei um penhor do eterno laço,
 Amigos, que me onrais, que onrais meus versos.

F I M.

(a) Este verso tem allusão particular.



014 793 434

This book should
be returned to the
Library on or before the date
stamped below.

A fine is incurred by retention
beyond the specified time.

Please return promptly.

Return to
date

CANCELLED

LIBRARY

